

Zona franca musical: Manaus e sua efervescente cena independente

Bandas conquistam a cidade amazonense e revelam talentos fora do eixo Rio-São Paulo



Não é só pelo encontro dos Rios Negro e Solimões que o Amazonas conquista holofotes Brasil afora. A cena independente da capital Manaus prospera e faz surgir grupos proeminentes na música brasileira. As canções deixam o tradicional – saindo do regionalismo – e revelam um movimento atípico: o rock nacional. Bandas como República Popular, Supercolisor, Alderia e Luneta Mágica são os destaques da nova geração da música manauara.

Embora culturalmente rica, a região Norte nem sempre entra no radar musical do Sudeste, tradicionalmente o mercado mais disputado do país. Longe dos grandes centros da música, como o eixo Rio-São Paulo, as bandas de Manaus possuem desafios maiores pela frente, como o de buscar eventos e grandes especialistas para dar início a desenvolver os seus projetos. Muitos artistas viajam para fora em busca de estúdios de melhor qualidade, profissionais com mais experiência e a oportunidade de tocar em festivais de maior notoriedade. Mesmo com tamanhos obstáculos pela frente, os grupos estão ganhando projeção local e fãs por todo o Brasil.

A República Popular reflete bem esse crescimento da cena no Amazonas e as pequenas dificuldades para chegar ao estrelato. Em 2015, os amigos entraram em estúdio e gravaram o primeiro álbum, “Aberto para Balanço”, no estúdio TMP, em Manaus; enquanto a masterização aconteceu apenas no Rio de Janeiro, feita por Lisciel Franco, que trabalhou com Detonautas e Rodolfo Abrantes (ex-vocalista do Raimundos). A banda ressalta que apesar dos apertos, os grandes conjuntos da cidade marcam presença no país e exibem a evolução da música na capital amazonense.

– Acreditamos que, principalmente, a qualidade do material que vem sendo produzido está no mesmo nível de grandes produções nacionais e até internacionais. Grandes nomes da indústria da música, como Lisciel Franco, Eduardo Miranda, Joe Lambert vêm mostrando interesse e trabalhando com bandas manauaras. Isso, de fato, contribui muito para a divulgação e aceitação de novos trabalhos até pelas audiências mais críticas – diz o baixista Sérgio Leônidas.

Já os rapazes da Supercolisor acreditam que a internet é a maior correspondente dos grupos. Sempre houve música em Manaus, mas o acesso à internet fez aguçar a curiosidade e aumentar a visibilidade. Nos novos tempos, gravar um disco já não é um sonho tão inatingível financeiramente e,

com isso, as produções locais aumentam, da mesma forma que as boas canções são descobertas pelo público. Para o vocalista Ian Fonseca, o salto veio de uma forma mais relevante, bem maior do que antigamente e ainda bem menos do que mereciam.

– O fato é que isso é realidade não apenas para o Amazonas, mas para quase todos os estados fora do eixo SP-RJ. No entanto, alguns dos nomes mais visíveis da cena independente nacional atual, como Apanhador Só (Rio Grande do Sul), Carne Doce (Goiás) e Maglore (Bahia), por exemplo, também vêm de fora desse núcleo, o que demonstra a força da música brasileira como um todo, fruto de muito trabalho duro e da superação de dificuldades maiores do que aquelas imagináveis pelo público em geral – revela ele.

Viver de Música não é fácil para qualquer banda. Mesmo com o talento ao seu lado, os artistas de Manaus suprem desafios ainda mais extensos. As distâncias de deslocamento para o restante do país são maiores do que as convencionais, as passagens aéreas não são baratas e as rodovias não trazem agilidade e facilidade. Esses são fatores que fazem de mudar para São Paulo ou Rio de Janeiro uma alternativa para as bandas.

– Esse ainda parece ser o caminho mais curto para um artista conseguir a famigerada projeção nacional. O eixo Norte, particularmente, ainda é pouco difundido e conta com uma cena não tão unida quanto se imaginaria. Grande parte do trabalho produzido aqui sofre de uma estranha rejeição até por parte da mídia regional. Os mesmos trabalhos são recebidos de braços abertos nos eixos Sul, Sudeste – expressa Vinícius Salomão, da República Popular.

Ian Fonseca, reitera e não acha primordial a mudança para estados que concentram mais possibilidades de trabalho e divulgação, mas o trajeto pelas principais cidades deve ser fundamental. O principal motivo é a vontade dos próprios artistas de fazer contato direto com o público ao redor do país e as diversas regiões. Para ele, as bandas amadurecem muito depois de alguns anos na estrada e passam a entender melhor o seu lugar e o seu papel no espectro artístico nacional.

-- Sair do próprio ninho também é um processo que ajuda as pessoas a se conhecerem melhor e a determinarem aquilo que é importante para elas - completa ele.

Ainda por dentro do cenário, há destaques que vão além da República Popular e do Supercolisor. O power trio Alderia evidenciou ainda mais a cena manauara graças à participação na coletânea “No Abismo da Alma”, uma homenagem ao movimento Udigrudi; ao mesmo tempo que a banda Luneta Mágica virou sensação entre os jovens de Manaus e fez parte de inúmeras playlists de apaixonados pelo independente ao redor do país.

É no interior do talento desses conjuntos que Manaus oferece o diferente na cena indie. O regionalismo vem a ser o prato principal em um grande banquete musical no Brasil, e a falta de força na região Norte faz com que as bandas tenham o papel de levar a música amazonense para fora do estado, e tentar incorporá-la de outras formas, seja misturando com gêneros atuais ou até mesmo gostos pessoais.

– A música brasileira é muitas vezes definida pelo regionalismo, a gente tem uma imensidão de estilos oriundos de vários estados e é perceptível uma força de nível nacional na música nordestina (forró, baião, etc) e na sudestina (samba, bossa nova). [...] Acredito que uma tarefa fundamental dos artistas seria levar os gêneros daqui para o resto do país, cada um à sua maneira, ao invés de simplesmente emular os sons de fora – expressa Viktor Judah, da Alderia e também República Popular.

Esse diferencial vem, não necessariamente, por serem de lugares específicos, e sim pelo fato dos conjuntos serem integrados por pessoas diferentes, com novidades a serem ditas. As bandas do cenário independente no Amazonas são, certamente, variadas entre si, mas trazem o que o público em qualquer lugar do país quer escutar: boa música.

-- Tudo o que sai do Norte deve ser chamado de nortista, porque assim o é, e representa a condição humana oriunda desse lugar - conclui Ian Fonseca.